

O crescimento econômico nas áreas de fronteira do estado do Paraná

Economic growth in border areas of the state of Paraná

Márcia Terezinha Michelin¹
Moacir Piffer²

Resumo

O desenvolvimento de uma região está interligado ao crescimento econômico e às movimentações de pessoas e de capitais. O Estado do Paraná é fronteira com São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Argentina, Paraguai e o porto de Paranaguá que, para o Paraná, é a principal porta para o resto do mundo. As mesorregiões do Estado do Paraná definem o objeto a ser estudado, pois, desde a sua ocupação no século XVI até os dias atuais, têm passado por grandes transformações na localização populacional bem como na sua matriz produtiva. O Paraná evolui de uma situação basicamente agrícola para um Estado industrializado e de serviços com gradativo crescimento econômico. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é a O objetivo do presente estudo é analisar o processo de crescimento econômico a partir das atividades econômicas das mesorregiões do estado do Paraná entre os anos de 2000 e 2010. O estudo busca verificar a especialização e a transformação econômica dos três setores - agropecuário, industrial e comercial/serviços, na fronteira do estado do Paraná e adota como procedimento metodológico o quociente locacional de emprego e o PIB das mesorregiões e a análise diferencial estrutural. Para estudar o crescimento das mesorregiões os dados secundários foram colhidos nas fontes do IPEADATA (2013) e RAIS (2013). O procedimento adotado permitiu verificar a região que teve melhor crescimento no estado: a periferia do estado ou região de fronteira. Verificou-se que a região que mais se destacou foi a de Curitiba, próxima ao Porto de Paranaguá.

Palavras-chave: Fronteira, Economia Paranaense, Crescimento econômico

ABSTRACT

The development of a region is connected with economic growth and the movement of people and capital. The State of Paraná is bordered by São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Argentina, Paraguay and the port of Paranaguá which is the main gateway to the outside world. Mesoregions the State of Paraná define the object to be studied, because since its occupation in the sixteenth century to the present day, over and undergoes great changes in population location and in their productive matrix. The Paraná from a primarily agricultural situation for an industrialized State and services with gradual economic growth. In this regard the purpose of this paper is to analyze occupational changes and capital by inserting the three sectors, agricultural, industrial and commercial / services, in Paraná state border. The methodology used to study the growth of mesoregions were the locational quotient and structural-differential analysis. The secondary data were collected from the sources IPEADATA (2013) and RAIS (2013). The procedures have shown the region that had better growth in the state: the periphery of the state or border region. It was found that the region that stood out was that of Curitiba due to proximity to the Port of Paranaguá.

Keywords: Frontier , Economics of Paraná, Economic growth

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE campus Toledo e Economista pela mesma instituição. E-mail: marci.michelon@gmail.com

² Doutor pela Universidade Federal do Paraná UTFPR, Professor pela UNIOESTE campus Toledo – e-mail: mopiffer@yahoo.com.br

JEL: R 11, R 12

Enviado em: 18/02/2015

Aprovado em 06/07/2015

INTRODUÇÃO

Ao fazer uma análise do crescimento econômico do estado do Paraná, principalmente as mesorregiões, se percebe as importantes mudanças estruturais e econômicas que vêm ocorrendo, especialmente, após a década de 1970 com a Revolução Verde mediante a entrada da mecanização agrícola e o conseqüente êxodo rural, que modificou significativamente a localização populacional do Estado, assim como alterou a estrutura de sua economia.

Nesse período ocorreu no Estado do Paraná o desenvolvimento de atividades focadas na exportação, que movidas por fatores exógenos (a necessidade de expandir as indústrias para locais onde a fronteira agrícola abriu espaço de incentivos fiscais e financeiros vindos do governo) estimularam o crescimento industrial do Estado. Além disso, no cenário nacional, as transformações econômicas da região Sudeste geraram no mesmo período, um efeito de deseconomias de aglomeração ocorridas nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro (PIFFER, 2009).

Além dos fatores citados, ocorreu a modernização agrícola, em razão da qual se passou a utilizar equipamentos mais sofisticados e tecnologias mais avançadas, necessidades essas que eram supridas pelas indústrias em crescimento na Região Metropolitana de Curitiba (PIFFER, 2009).

Com a construção do anel de integração³, foi possível ligar o interior do estado com a capital e ao porto de Paranaguá facilitando assim as transações comerciais entre as regiões e o mundo todo. Com isso, as cidades que ficam no seu entorno foram beneficiadas com uma grande entrada de capital que foi investido especialmente em indústrias de transformação de produtos primários e nas indústrias metal mecânicas, suprimindo as necessidades de escoamento de produção do campo e atendendo o setor primário com insumos modernos, bem como atendendo toda uma população que se deslocou para os centros de maior atração de aglomeração de atividades econômicas em geral.

As indústrias que se instalaram nos arredores das rodovias construídas e que cruzavam o Estado do Paraná possibilitaram o crescimento de toda a região, por intermédio da instalação de indústrias que ocasionaram um aumento do Produto Interno Bruto (PIB) em todo este corredor, bem como, passaram a absorver a produção excedente de todas as regiões dos arredores que não possuíam um crescimento expressivo. Com isso, ocorreu um aumento das transações de compra e venda nestas regiões, devido à facilidade de acesso, fazendo com que as relações de importação e exportação crescessem.

Algumas mesorregiões paranaenses fazem divisa com outros estados ou mesmo com o resto do mundo, como é o caso do porto de Paranaguá. Este corredor possibilita que todas as regiões, estados, e países vizinhos, se desloquem até Paranaguá. Ali se realizam transações de compra/importações e venda/exportações

³Apesar de o anel de integração ter possibilitado a concentração de capitais ao longo dessas vias por facilitar a localização geográfica e dar maior acesso para o escoamento da produção tanto para os portos de Paranaguá como Santos, como para grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Joinville, dentre outros, entretanto, não é o objeto deste estudo, pois ele contribui para o desenvolvimento da área fronteira pelas facilidades de alocação de recursos nestes locais.

tanto de *commodities* como de produtos industrializados e também serviços, com todo o resto do mundo.

O Estado do Paraná é dividido em vários polos industriais, sendo o maior localizado na Região Metropolitana de Curitiba, outro na região Norte Central e os demais pelo Estado. A Região Metropolitana de Curitiba é beneficiada pela sua localização próxima do Porto de Paranaguá, que é considerado uma fronteira para o resto do mundo, facilitando as suas relações exteriores e gerando maior investimento de capitais. A Região Centro Oriental se beneficia do espraiamento oriundo da região metropolitana de Curitiba, ou seja, tem crescido economicamente por meio da instalação de indústrias, o aumento da geração de empregos e os diversos serviços.

O objetivo do presente estudo é analisar o processo de crescimento econômico a partir das atividades econômicas das mesorregiões do estado do Paraná entre os anos de 2000 e 2010. Para verificar as transformações econômicas no estado utiliza o quociente locacional e a análise estrutural-diferencial. O trabalho está dividido em cinco partes: esta introdução que faz um apanhado geral do trabalho, apresentando a importância deste estudo e seus objetivos; referencial teórico que oferece um suporte para a análise dos dados; procedimentos metodológicos; análise de resultados e as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Com a mecanização agrícola nos anos de 1960 e 1970, o setor primário passou por um processo de avanço tecnológico que fortaleceu este setor. Com a mecanização, o setor agrícola não necessitava mais de tamanha mão de obra como era ofertada anteriormente. Desta maneira, sucedeu-se o êxodo rural para as áreas urbanas, em busca de empregos. Assim, como a agricultura se fortaleceu com a sua mecanização, o mesmo ocorreu com o complexo metal mecânico na Região Metropolitana de Curitiba (RMC) nos anos de 1990 (PIFFER, 1997).

Com a construção do anel viário interligando o interior do estado com a capital e ao porto de Paranaguá, o custo de transação baixou devido à facilidade de acesso. Por isso, as transações comerciais se intensificaram, tanto internamente como, de forma especial externamente nas relações de importação e exportação de bens e serviços.

A área a ser discutida neste trabalho são as mesorregiões do estado. Notadamente esta área tem apresentado, conforme apontado por pesquisas elaboradas por Rippel e Lima (2008), Piffer (2009), Gonçalves Junior *et al.* (2011), um bom desempenho econômico, com um bom fluxo de capital e de pessoas. Isso ocorre devido às empresas criadas e aos postos de trabalhos que as mesmas geram. Muitas empresas se localizaram nesta extensão territorial devido à proximidade com as rodovias, e em razão principalmente às facilidades de deslocamento e de escoamento da produção para centros, como: São Paulo, Curitiba, Porto de Santos, Porto de Paranaguá, dentre outros. Destaca-se que isto prejudica outras regiões, como por exemplo, a Região Central do estado, que, devido a fatores locais tem permanecido estagnada ao longo das últimas décadas.

Isto posto, ao tratar-se da Área de Fronteira com Paraguai e Argentina, esta pode ser considerada um enclave⁴ econômico por sua estrutura ser muito ligada ao narcotráfico. Outra questão é de que grande parte das cidades localizadas nesta área

⁴ Não depende de uma matriz regional para crescer. A região oeste tem suas peculiaridades que são atrativas para o resto do mundo. Como exemplo o turismo internacional. (PIFFER, 2007)

de fronteira sobrevive dos *royalties* oriundos da represa construída para ser utilizada como reservatório de água para a Usina de Itaipu. Já a cidade de Foz do Iguaçu teve um grande crescimento econômico, que gerou emprego, em especial para atender a demanda de turistas que chegam nesta região devido ao desenvolvimento na área turística. Porém dentro desta área e mais além dela se percebe um grande crescimento econômico em cidades como Cascavel e Toledo. Nestas cidades ocorre um *continuum* de atividades rural-urbano de crescimento econômico.

Pretende-se nesta pesquisa o estudo das áreas de fronteira do território paranaense, mas não aquelas que tem limites fronteiriços com os países Argentina e Paraguai. Todavia este trabalho tem a preocupação de estudar as áreas das mesorregiões que se localizam nas divisas de outros estados, mais especificamente com o estado de São Paulo (Mesorregião Norte Central) e a maior área de fronteira que o Estado do Paraná possui com o resto do mundo através do Porto de Paranaguá, que está localizada na Mesorregião de Curitiba.

Nesta perspectiva, este trabalho analisa algumas mesorregiões que tem se destacado no estímulo e na realização de investimentos a curto e longo prazo, na geração de renda, riqueza e emprego, formando uma estrutura produtiva mais diversificada.

Em contrapartida, a área central do estado apresenta um crescimento retardatário, pode ser pela falta de infraestrutura local, principalmente de rodovias, que possibilitem o escoamento de produção e que seja atrativa aos empresários para investimentos em grandes indústrias ou outras atividades geradoras de emprego e renda.

Economia Paranaense

A economia paranaense se iniciou com a extração ervateira, sendo que sua produção era voltada para o abastecimento externo, tendo como um dos principais consumidores a Argentina. Além da produção da erva mate, havia a extração de madeira e a pecuária que auxiliavam na economia estadual. Apesar destas outras fontes de renda, o ciclo ervateiro era a principal fonte econômica do estado até a década de 1920 quando se iniciou no estado a produção do café (PADIS, 1981).

O café entrou no estado através de migrantes paulistas, que se instalaram nas regiões Norte Pioneiro e Norte Central. Sua produção, desde a década de 1930, foi basicamente de pequenas propriedades principalmente da produção familiar. Sendo a produção mais de caráter familiar aliado ao solo fértil, que proporcionava maior rentabilidade na produção, auxiliaram para que as plantações de café crescessem no estado (TRINTIN, 2001). Outras culturas agrícolas também já haviam adentrado no estado, sendo estas, o milho, feijão, arroz e o algodão.

Desta forma, a economia paranaense foi alavancada pelo setor agrícola, sendo que até a década de 1940 à indústria se encontrava estagnada, e passou por avanços impulsionados pela produção cafeeira. A partir da década de 1960, ocorreu a introdução do cultivo da soja, sendo esta cultura considerada moderna e considerando que o preço da soja no mercado externo estava em ascensão, o governo passou a incentivar o cultivo desta oleaginosa (TRINTIN, 2001).

A partir da década de 1970 ocorreu a modernização agrícola, e com ela a intensificação do uso do solo. A mão de obra foi substituída por máquinas agrícolas, e indústrias cooperativas se instalaram pelo interior do estado para suprir as necessidades do setor primário que estava em expansão (RIPPEL, 2005).

Na década de 1990, o estado do Paraná iniciou um crescimento que foi beneficiado pelas políticas adotadas no país naquele período. Com a implantação do

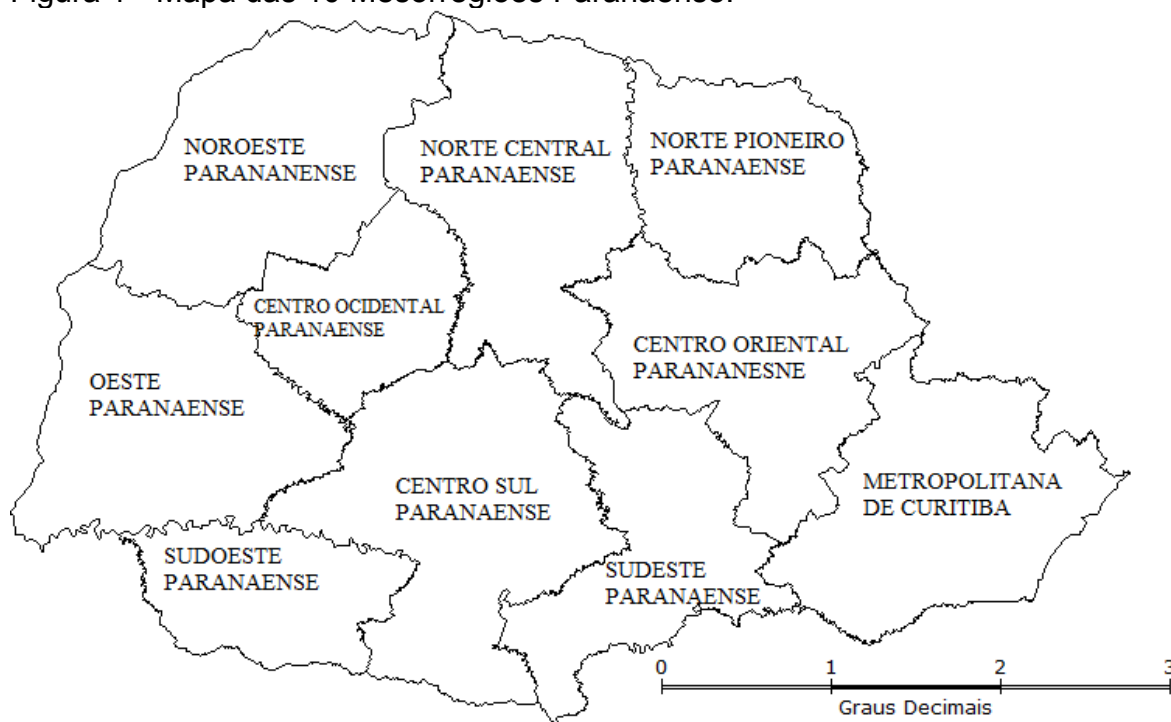
plano real, o fluxo monetário no estado se elevou. O estado paranaense, da mesma forma que ocorreu com outros estados, recebeu incentivos fiscais que acabou atraindo várias indústrias, especialmente no setor químico e metal mecânica. Isto auxiliou para que o perfil econômico do estado mudasse e a industrialização paranaense desse um salto (STADUTO, TREVISOL e JONER, 2004).

METODOLOGIA

Neste trabalho, utilizamos como grande área de estudo o estado do Paraná, sendo este analisado através de suas mesorregiões. Visto que, as mesorregiões paranaenses possuem um crescimento desigual, esta área se torna um interessante ponto a ser estudado.

Na Figura 1, esta exposta a área a de estudo, sendo esta composta pelas mesorregiões: Metropolitana de Curitiba, Centro Oriental, Norte Pioneiro, Norte Central, Centro Ocidental, Noroeste, Oeste, Sudoeste, Centro Sul e Sudeste.

Figura 1 - Mapa das 10 Mesorregiões Paranaense.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Para analisar o crescimento, que ocorre de maneira diferente entre as regiões do Paraná, serão utilizados dados de PIB coletados através do IPEADATA, pois este indica que a um crescimento econômico na região ocasionando um aumento de emprego. Dessa forma foram coletados dados de emprego, obtidos através da RAIS, pois o aumento do emprego é aumentar a massa salarial, o que gera um aumento de consumo de bens duráveis. Estes dados serão coletados para analisar a relação existente entre o aumento do PIB e o aumento do emprego. Uma vez que se imagina que conforme o PIB se eleve maior será a quantidade de empregos ofertada, que conseqüentemente, através de consumo e maior produção, faz com que o PIB se eleve, o que acaba por gerar um círculo vicioso.

Foram analisados também dados de importação e exportação por mesorregião onde os dados foram extraídos do site do ministério de desenvolvimento,

indústria e comércio exterior. Para assim identificar quais mesorregiões mantêm relações mais estreitas com o mercado internacional.

Entender o porquê algumas regiões crescem mais que as outras subsidia a formulação de estratégia e de políticas públicas de desenvolvimento regional. Nesse sentido, utilizamos o método estrutural-diferencial para auxiliar em responder essa questão ao decompor os componentes do crescimento e apontar os responsáveis pela dinâmica da economia regional. Esse método proporciona uma análise descritiva da estrutura produtiva de uma região, mas não explica o crescimento regional. Procura apenas identificar os determinantes do crescimento (SIMOES, 2005; HADDAD, 1989).

Nesse método, parte-se da dedução de que o crescimento regional acontece por causa de fatores locais, regionais e nacionais. Conforme cita Souza (2009) os fatores regionais são gerados pelas peculiaridades internas, que geram vantagens locais para setores determinados. Já os fatores nacionais são determinados pelo fato de existir na economia local atividades que nacionalmente apresentam dinamismo, ou seja, a região possui uma atividade que se dinamiza através de incentivos vindos de fora da região. Utiliza-se o quociente locacional verificar a especialização da região e do emprego regional. Se o QL >1 há concentração e especialização. A título de ilustração o quociente locacional de emprego é apresentado a seguir (HADDAD, 1989).

Segundo Gonçalves e Galete (2010), ocorrem diferenças setoriais e regionais no crescimento entre dois períodos de tempo, sendo que estas podem ser oriundas da existência de setores mais dinâmicos ou menos dinâmicos na composição da estrutura produtiva de uma região ou por uma diferença na participação na distribuição regional de uma variável econômica básica.

No método estrutural diferencial é feita a decomposição do crescimento de uma região, em determinado período, partindo de três componentes sendo estes o componente regional, o componente estrutural (proporcional) e o componente diferencial (competitivo). Sendo sempre utilizado uma região como referência. Baseando-se sempre em uma região tomada como referência, o componente regional mostra qual teria sido o crescimento da variável se a mesma crescesse à taxa média total da região de referência (economia nacional). O componente estrutural será positivo quando a região tiver se especializado em setores da economia nacional que apresentam altas taxas de crescimento (acima da média total da nação), e negativa quando a região se especializar em setores que na esfera nacional apresentarem baixas taxas de crescimento. Já o componente diferencial, indica o montante positivo (ou negativo) de crescimento que a região j conseguiria pelo fato de a taxa de crescimento em determinados setores ter sido maior (ou menor) nesta região do que na média nacional do mesmo setor.

Tomando o emprego como variável básica para a utilização do modelo estrutural-diferencial (*shift-share*), a equação (1) apresenta a variação real do emprego do setor i na região j ($E_{ij}^t - E_{ij}^0$) como sendo igual ao componente regional ($E_{ij}^0 e$), adicionados os componentes estrutural $E_{ij}^0(e_i - e)$ e diferencial $E_{ij}^0(e_{ij} - e_i)$.

$$(E_{ij}^t - E_{ij}^0) = (E_{ij}^0 e) + E_{ij}^0(e_i - e) + E_{ij}^0(e_{ij} - e_i) \quad (1)$$

Na qual (E_{ij}^0) é o emprego inicial do setor i na região j ;

(E_{ij}^t) é o emprego final do setor i na região j ;

(e) é a taxa de crescimento do emprego total nacional (ou da região utilizada como referência);

(e_i) é a taxa de crescimento nacional do emprego no setor i ;

(e_{ij}) é a taxa de crescimento do emprego no setor i da região j .

Desta forma, para Souza (1996), quando a variação real do emprego do setor i na região j for superior ao componente regional, mostra que o emprego do setor i da região j teve um crescimento maior que a média nacional e que existem elementos dinâmicos internos (componente diferencial) ou externos (componente estrutural) atuando na região de forma positiva.

Aperfeiçoamento do Método Estrutural Diferencial

O modelo estrutural-diferencial básico, conforme mostrado, apresenta certas dificuldades e limitações. Uma das dificuldades é a dependência dos efeitos estrutural e diferencial do pessoal ocupado no ano base, ou seja, estes efeitos estão interligados. Assim, o efeito diferencial não mede apenas o que se espera que ele meça. Por isso, Esteban- Marquillas (1972) propuseram a reformulação da equação $E_{ij}^0(e_{ij} - e_i)$ introduzindo pessoal ocupado esperado ou homotético E_{ij}^{0*} em vez do pessoal ocupado efetivo inicial E_{ij}^0 . A estrutura do emprego esperado no período inicial é indicado pela equação 2.

$$E_{ij}^{0*} = E_j^0 \left(\frac{E_i^0}{E^0} \right). \quad (2)$$

Onde:

E_j^0 : é o emprego total da região j no ano inicial,

E_i^0 : é o emprego total do setor no nível nacional, no ano inicial, e

E^0 : o emprego total nacional do ano inicial.

E_{ij}^{0*} : emprego homotético do setor i da região j é definido como aquele que guarda a mesma proporção da economia.

Ao introduzir o pessoal ocupado esperado no lugar do pessoal ocupado efetivo na equação do efeito diferencial Esteban-Marquillas (1972) elimina da posição diferencial ou competitiva a influência estrutural. Desta forma, introduzem o efeito de alocação (A_{ij}), para analisar os componentes do crescimento regional. O efeito alocação é a influência estrutural do dinamismo diferencial, conforme mostra a equação 3.

$$A_{ij} = (E_{ij}^0 - E_{ij}^{0*})(e_{ij} - e_i) \quad (3)$$

Desta forma Herzog e Olsen (1977) formulam as equações necessárias e assim, reformulam o efeito alocação modificado (A_{ij}) inserindo a mudança do peso na composição do emprego final (E_{ij}^t), e do emprego final modificado (E_{ij}^{t*}), com o intuito de eliminar o efeito mudança estrutural do período.

$$A'_{ij} = [(E_{ij}^t - E_{ij}^{t*}) - (E_{ij}^0 - E_{ij}^{0*})](e_{ij} - e_i). \quad (4)$$

Com a mudança no efeito alocação, inicialmente proposto por Esteban-Marquillas (1972), ao ser inserido o componente $(E_{ij}^t - E_{ij}^{t*})(e_{ij} - e_i)$, o efeito diferencial ou competitivo passou a ser:

$$E_{ij}^0(e_i - e) + E_{ij}^0(e_{ij} - e_i) + (E_{ij}^{0*} - E_{ij}^0)(e_{ij} - e_i) = E_{ij}^0(e_i - e) + E_{ij}^{0*} + [(E_{ij}^t - E_{ij}^{t*}) - (E_{ij}^0 - E_{ij}^{0*})](e_{ij} - e_i)$$

Para manter a originalidade do método, o efeito diferencial modificado (D_{ij}''), para Herzog e Olsen, ficará desta forma:

$$D_{ij}'' = (2E_{ij}^0 - E_{ij}^t + E_{ij}^{t*} - E_{ij}^{0*})(e_{ij} - e_i). \quad (5)$$

Desta forma obtém-se o cálculo da variação líquida total, que segundo correções efetuadas por Herzog e Olsen, é resultado da soma entre o efeito estrutural $E_{ij}^0 = (e_i - e)$, com o efeito diferencial puro modificado representado pela equação 5 e o novo efeito alocação representado pela equação 4, assim segue:

$$VLT_{ij} = E_{ij}^0(e_i - e) + (2E_{ij}^0 - E_{ij}^t + E_{ij}^{t*} - E_{ij}^{0*})(e_{ij} - e_i) + (E_{ij}^t - E_{ij}^{t*} - E_{ij}^0 - E_{ij}^{0*})(e_{ij} - e_i) \quad (6)$$

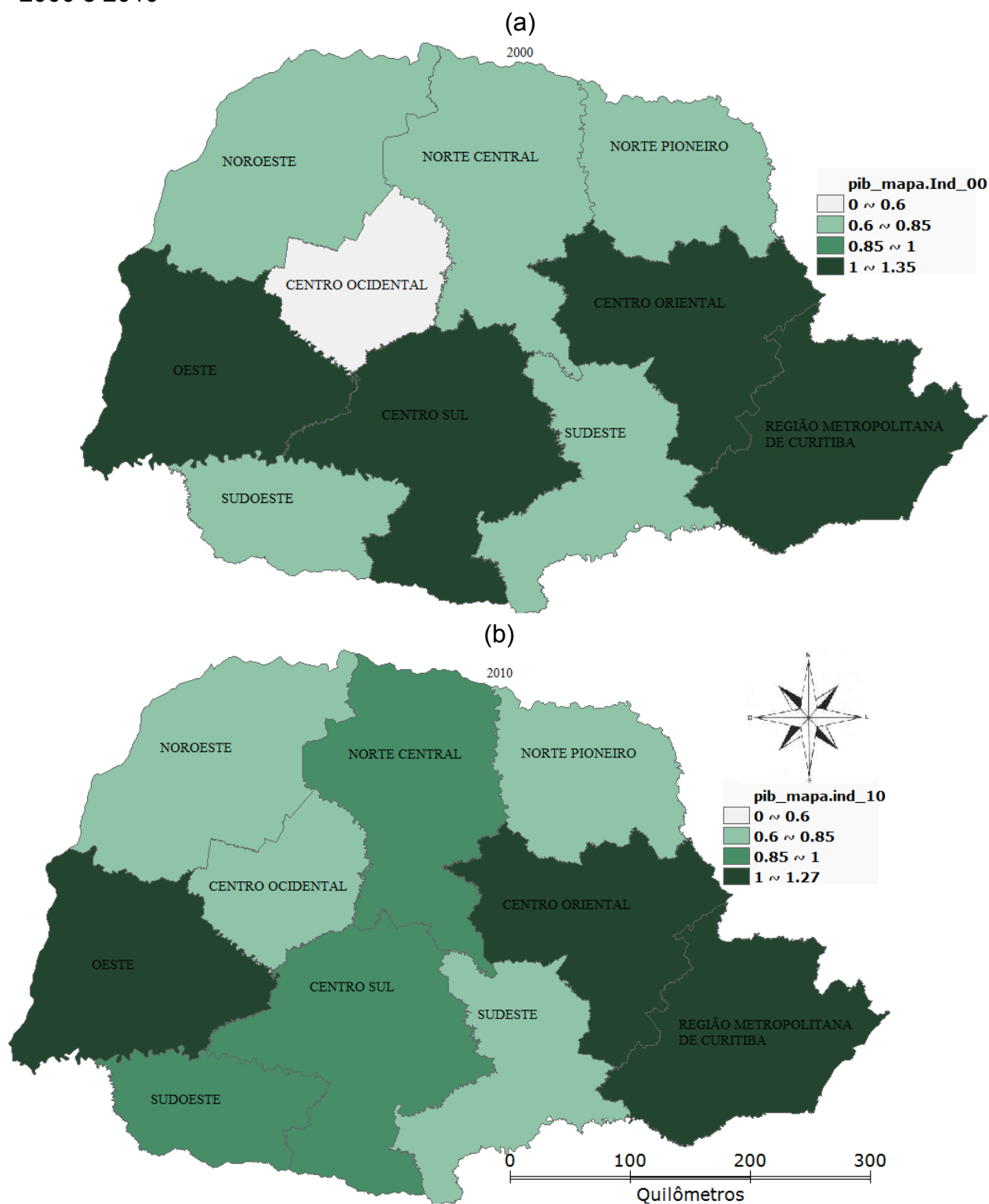
Foram analisadas 29 microrregiões que compõem a região de fronteira no estado do Paraná, para analisar seu comportamento com relação a emprego e produto interno bruto. Para tal, conforme foi dito anteriormente, serão coletados dados de PIB dos três macro-setores, primário, secundário e terciário, a partir de 1999 a serem coletados no IPEADATA, além de dados de emprego que serão coletados no site da RAIS.

ANÁLISE DOS RESULTADOS DAS MESORREGIÕES

Com a intenção de identificar os setores mais dinâmicos nas mesorregiões, analisou-se, nesta seção, os resultados obtidos pelo método de análise diferencial estrutural. Nele, foram analisados dados do PIB (produto interno bruto) no período de 2000 a 2010, de forma a identificar quais mesorregiões tem maior destaque; além de dados de emprego, para os setores primário, secundário e terciário, buscando levantar as regiões com maior dinâmica e os setores que mais contribuem para o crescimento econômico de cada uma das respectivas regiões do Estado do Paraná.

Com os incentivos governamentais voltados à Região Metropolitana de Curitiba nos anos de 1990, indústrias se instalaram nesta região formando a maior concentração industrial do Estado do Paraná. Além do setor industrial, a região também se fortaleceu com o setor de serviços. Percebeu-se conforme a Figura 2 que a maior arrecadação do PIB nesta região gira em torno do setor secundário, que apresentou Quociente Locacional (QL) com valor maior que 1. Neste sentido há uma concentração maior das atividades produtivas (PIB) na região metropolitana de Curitiba.

Figura 2 - PIB industrial por mesorregião paranaense segundo Quociente Locacional - 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pelos autores, segundo dados do IPEADATA (2013).

Isto ocorre, pois, a região metropolitana é a concentradora de grande parte das indústrias do Estado, principalmente na CIC sendo estas, químicas, metal mecânica, dentre outras, que formam um complexo industrial. Além das indústrias, nesta mesorregião está concentrado o setor terciário, de forma que qualquer tipo de serviço

necessário se encontra neste Centro. Nesta análise se observa tanto no ano de 2000 quanto no ano de 2010, conforme Figura 2.

Considerando ainda o quociente locacional, percebeu-se que no ano de 2000, nas mesorregiões Oeste, Centro Sul e Centro Oriental o PIB, apresentou grande relevância no setor industrial. Isto porque nestas regiões o QL se apresentou maior que 1.

A mesorregião Centro Oriental, devido sua localização próxima à região metropolitana de Curitiba, e devido à estrutura montada no setor urbano industrial, se beneficiou da irradiação do crescimento de Curitiba e da região. Sua industrialização está voltada principalmente para a transformação de grãos (soja), e na indústria química, mais precisamente a produção de fertilizantes. Desta forma o setor tende a se fortalecer, o que se confirma ao analisar que no ano de 2010 prevalece concentrado o PIB no setor secundário.

Já a região Oeste paranaense, a partir dos anos de 1970, passou por uma evolução no setor agroindustrial. Inúmeras cooperativas agroindustriais se localizaram nesta região, com a finalidade de absorver e escoar a crescente produção do setor primário. Além de fornecer insumos e equipamentos em geral para a agricultura e pecuária.

Além das agroindústrias, na região Oeste, identificam-se as indústrias alimentares, química (remédios), bebidas, além do setor metal mecânico, atividade que instalada principalmente na cidade de Cascavel. Esta análise de concentração no setor industrial se verifica também no ano de 2010, indicando um fortalecimento no setor secundário nesta região.

A mesorregião Centro Ocidental ocorreu uma melhora efetiva considerando o período de análise. Sua industrialização se deve ao fortalecimento da agroindústria que se instalou nesta região (a exemplo da região Oeste) para absorver a produção agropecuária regional.

Ainda analisando o ano 2000, como se observa na Figura 2a, a mesorregião Centro Sul apresentava concentração no PIB industrial proveniente da indústria madeireira e seus ramos de atividades. Este crescimento se deve a picos de safras e entre safras do corte da madeira, comum nesta região. Este resultado não se verificou mais nos anos de 2010 apontando que o setor deixou de ter concentração na região.

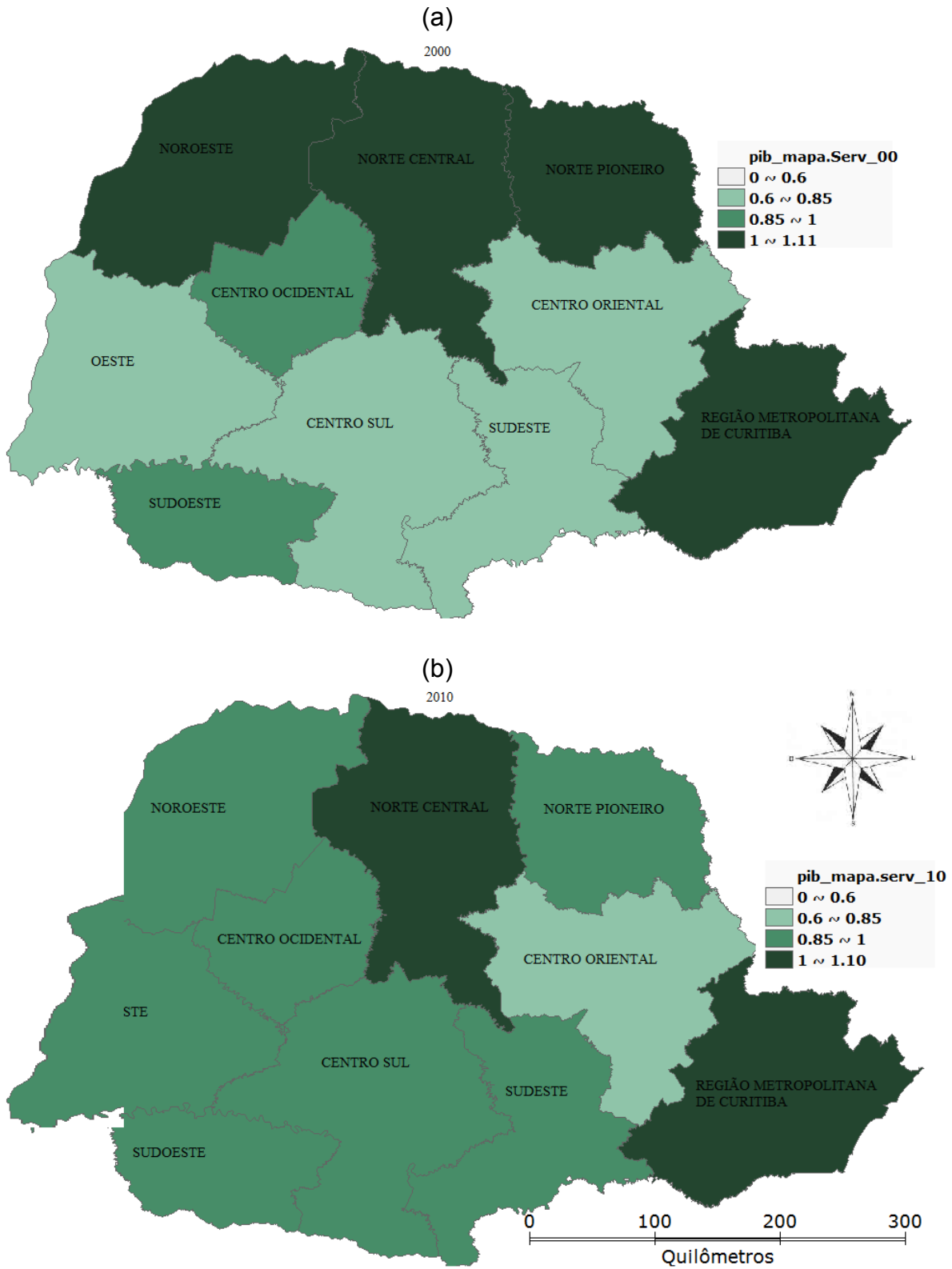
Com o crescimento do setor secundário, o setor terciário tende a ser impulsionado e crescer junto, pois quanto mais rica uma região maior será a presença dos diversos serviços do setor terciário.

A Figura 3 mostra que, a região metropolitana de Curitiba se manteve forte no setor terciário a exemplo do que ocorreu no setor secundário, sendo que seu QL se apresentou maior que 1, indicando a concentração neste setor de atividade.

A partir do século XX o setor terciário foi o que mais cresceu no mundo, sendo que fazem parte deste setor atividades como: saúde, educação, transporte, comércio, administrativo, dentre inúmeros outros.

No Paraná, se observa que as regiões mais ricas são as que possuem o setor terciário mais concentrado. Tanto no ano de 2000 como no de 2010 a Região Metropolitana de Curitiba, que é o maior polo tanto industrial quanto de serviços, registra concentração neste setor.

Figura 3 - PIB para o setor terciário paranaense segundo análise do Quociente Locacional – 2000 e 2010



A região Norte Central apresenta destaque neste setor, principalmente em função do polo de vestuário e da indústria da moda localizados em várias cidades desta mesorregião. São inúmeros estabelecimentos e shoppings ali instalados para atender lojistas de todo o Brasil.

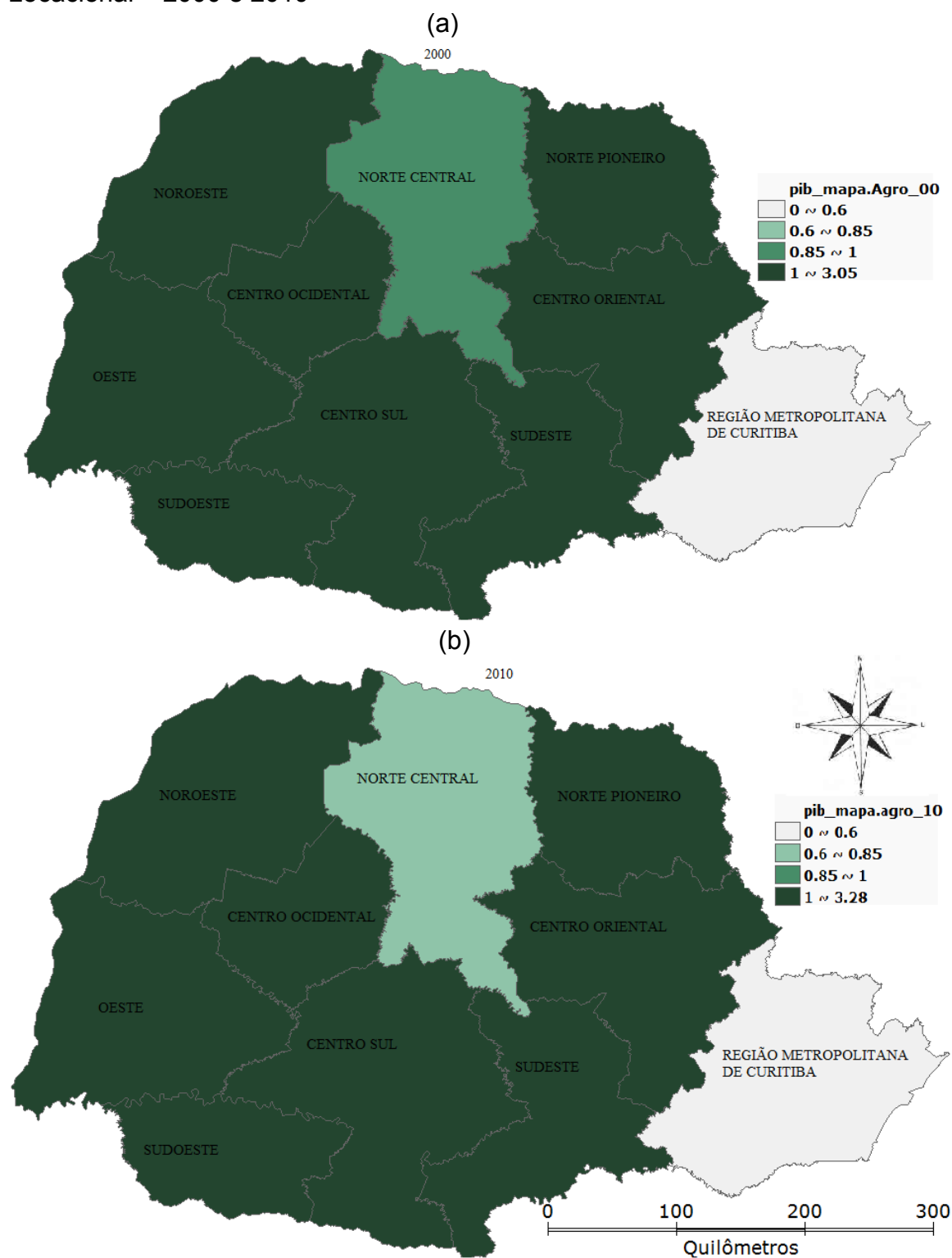
Na comparação entre os anos de 2000 e 2010, percebe-se que no ano de 2010 as regiões Oeste, Centro Sul e Sudeste elevaram sua participação no PIB com o setor terciário, apontando maior concentração. Enquanto o Noroeste e o Norte Pioneiro que apresentavam concentração em 2000, apontam que este setor decaiu no ano de 2010. O que indica que a diversificação pode ter aumentado entre os setores nesta mesorregião, assim os outros setores podem ter se fortalecido ainda mais no período analisado diminuindo a importância na análise do setor terciário.

A Figura 4 aponta a concentração do PIB para o setor primário nas mesorregiões paranaenses. Com a modernização agrícola que ocorreu a partir da década de 1970, o Paraná passou a aumentar sua produção por meio de novas técnicas aplicadas. Desta forma, apesar de as áreas rurais perderem espaço para os meios urbanos, a produtividade do solo agrícola aumentou. Com isso, após os anos 1970 o Estado se tornou um forte exportador de *commodities*, tanto em grãos, como soja e milho e em carne de frango e suína.

Desta forma, com exceção da região metropolitana de Curitiba e Norte Central que não apresentaram grau de concentração neste setor, as demais regiões todas se mostraram fortalecidas no setor primário. A Figura 4, mostra a concentração para o setor primário que se consolida, apontando que algumas regiões no Estado ainda se mantêm basicamente agrícolas.

A análise do quociente locacional apontou que, o Estado do Paraná, embora tenha destaque na Região Metropolitana de Curitiba no setor industrial e de serviços, geograficamente este Estado ainda tem predominância no setor primário.

Figura 4 - PIB por mesorregião para a agropecuária paranaense, segundo o Quociente Locacional – 2000 e 2010

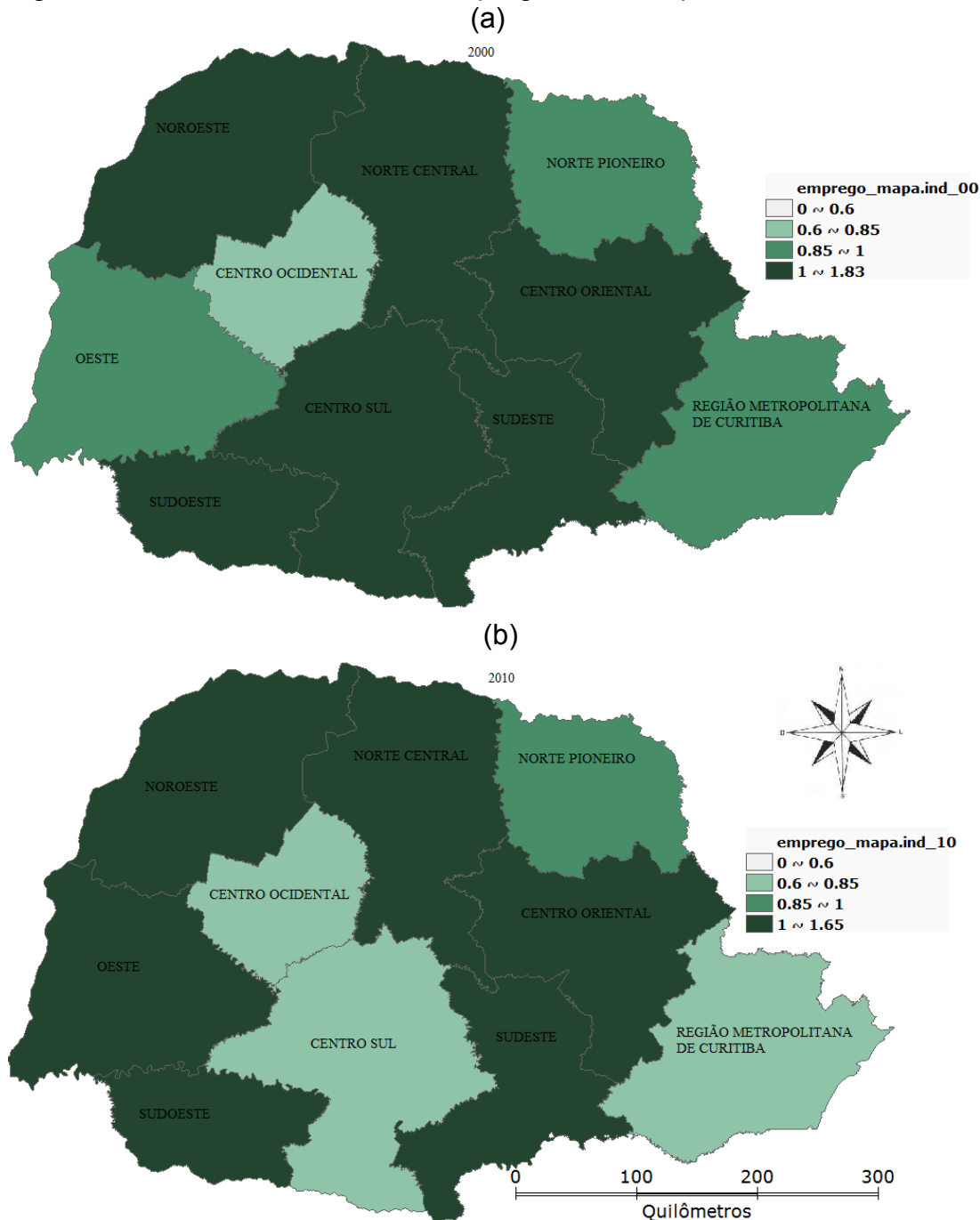


Fonte: Elaborado pelos autores segundo dados do IPEADATA (2013).

Com este fortalecimento do setor agropecuário, que se observa tanto nos anos de 2000 quanto em 2010, se fortaleceram também as agroindústrias, que se instalaram em cidades estratégicas pelo Estado para dar suporte ao campo. (Figuras 4a e 4b)

Com a evolução do setor industrial e do setor de serviços, a geração de empregos tende a aumentar. Na Figura 5, vê-se que, em algumas mesorregiões, o emprego está relativamente mais concentrado no setor industrial no ano de 2000 comparado ao ano 2010. Apesar de algumas regiões não serem muito industrializadas, as poucas indústrias que por ali se instalam ainda acaba sendo as maiores geradoras de empregos formais.

Figura 5 - Quociente Locacional - emprego industrial paranaense - 2000 e 2010



Já para o ano de 2010, percebe-se uma mudança de cenário, pois comparado com o Estado, algumas regiões deixaram de possuir concentração de emprego no setor industrial. O que não significa que a indústria tenha diminuído o número de

funcionários, ou que a mesma tenha deixado de contratar, e sim que o total de empregos no setor industrial no Estado se elevou fazendo com que, na comparação Estado/região, a região deixe de apresentar concentração. (Figura 5b)

A Região Metropolitana de Curitiba, apesar de ser a região mais industrializada do Estado, não apresenta concentração relativamente representativa na geração de empregos no ano de 2010. Uma explicação para a região metropolitana não apresentar concentração no emprego industrial, seria o fato de que, as indústrias instaladas nesta região são predominantemente as indústrias dinâmicas⁵. Estas indústrias empregam muita tecnologia, apresentam alta produção, de alto valor agregado, porém, não empregam muita mão de obra na produção e sim mais mão de obra qualificada, como é o caso das indústrias automobilísticas.

Ao contrário da indústria tradicional⁶ e indústria não tradicional⁷ que, não possuem muita tecnologia e empregam um volume maior de mão de obra menos qualificada e sua produção possui menor valor agregado.

Cabe observar que a região Centro Sul deixou de ter saldo representativo do emprego no ano de 2010 para o setor industrial, sendo que a concentração de emprego nesta mesorregião no ano de 2010 ficou com o setor agropecuário (Figura 6).

Conforme a Figura 6a, no Oeste paranaense, o setor terciário possuía maior concentração em 2000. No ano de 2010 vê-se uma inversão de cenário nesta região, o setor terciário diminui sua concentração, abrindo espaço para o setor industrial e agropecuário.(Figura 6b)

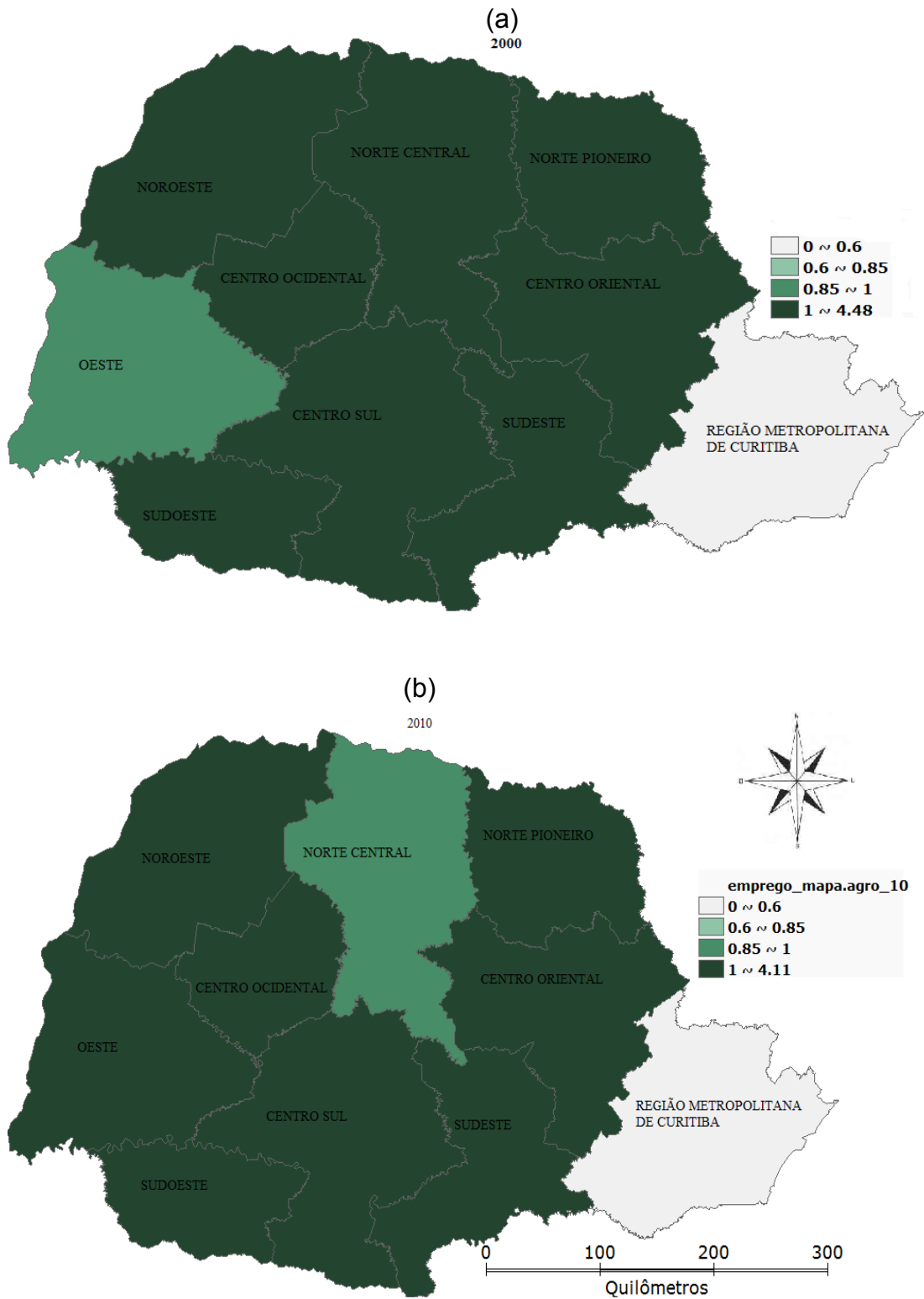
Devido à tecnificação agrícola, que substituiu a mão de obra por máquinas agrícolas e pacote de insumos modernos, o setor primário não emprega muita mão de obra, porém se percebe uma evolução no quadro da contratação de mão de obra nas mesorregiões. Isto ocorre, porque os dados coletados pela RAIS os números de pessoas empregadas são necessariamente com vínculo, ou seja, tem o registro da carteira de trabalho assinada. A mão de obra utilizada no campo era principalmente informal, nas duas últimas décadas, esta situação mudou e os empregadores passaram a registrar os seus funcionários. Com isso passou a ter uma evolução nos dados coletados de emprego formal no campo.

⁵ Indústrias Dinâmicas - são indústrias que investem em tecnologia, utilizam muito capital e pouca mão de obra e tem alta geração de PIB. A mão de obra utilizada é principalmente a especializada. São exemplos, indústrias de: fertilizantes/químicos, metalúrgicos, mecânica, material de transporte, material elétrico/comunicação, papel e papelão (PELINSKI; FERRERA de LIMA; STADUTO, 2009, PIFFER, 2009).

⁶ Indústrias Tradicionais - são indústrias que investem pouco em tecnologia e utilizam muita mão de obra, principalmente mão de obra sem qualificação e tem uma geração menor de PIB comparado a indústria dinâmica. São exemplos, indústrias de: Produtos alimentícios, vestuários/calçados, bebidas, madeira, têxtil, mobiliário editora/gráfica (PELINSKI; FERRERA de LIMA; STADUTO, 2009).

⁷ Indústria não Tradicional - são indústrias intensivas em capital que fortalece o produto interno bruto municipal. São indústrias produtoras de: minerais não metálicos, borracha, fumo, couro e de construção civil (PIFFER, 2009).

Figura 6 - Quociente Locacional - emprego setor agropecuário paranaense -2000 e 2010

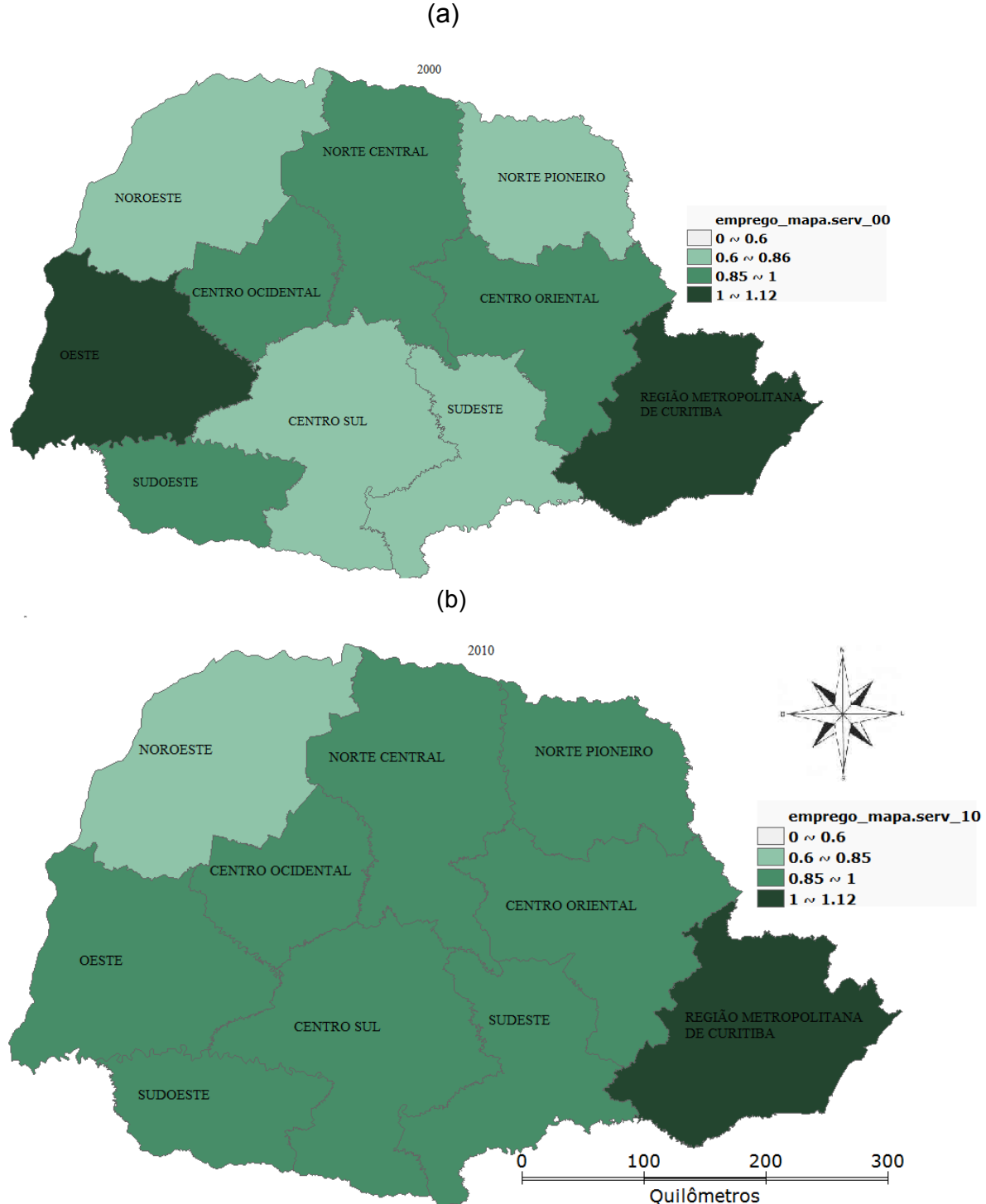


Fonte: Elaborado pelos autores, segundo dados da RAIS (2013).

Apesar de o setor primário não possuir um número expressivo de empregados, como o setor secundário e terciário, na análise do modelo *shift share* é o setor que

mais se destaca como concentrador de mão de obra das mesorregiões. Isto ocorre, porque cada mesorregião é comparada ao valor total do Estado, assim como o valor total do Estado em geração de emprego neste setor é baixo, na comparação com a mesorregião esta fica com alta concentração, o que também ocorreu no setor terciário.

Figura 7 - Emprego na atividade terciária paranaense - 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pelos autores, segundo dados da RAIS (2013).

Apesar de o setor terciário ser o maior empregador de mão de obra, na comparação da evolução do emprego neste setor nas mesorregiões com o Estado,

percebe-se que, no ano de 2000 apenas a região metropolitana de Curitiba e o Oeste paranaense apresentaram concentração relativa de emprego.

Na Figura 7b em 2010, se percebe que apenas a região metropolitana de Curitiba se mantém concentradora de emprego, no setor terciário, comparado ao Estado do Paraná. Apesar das demais regiões terem elevado sua participação na contratação de mão de obra para o setor terciário, sendo que, com exceção da região Noroeste, que não alterou e da região Oeste que diminuiu sua concentração no emprego para o setor de serviços em especial no comércio.

CONCLUSÃO

O Paraná passou por sucessivas mudanças na sua estrutura produtiva no século XX. De uma economia predominantemente primária, a partir da década de 1970, a exemplo do que aconteceu no Brasil no mesmo período, modernizou a agricultura e passou por uma transformação de sua base produtiva.

Com a entrada de capital externo, ocorreu a instalação de indústrias, primeiramente na Região Metropolitana de Curitiba. Desta forma geral a produção evoluiu e através de incentivos governamentais constituiu-se uma indústria diversificada e dinâmica. Fatores locais facilitaram o crescimento econômico desta região, pois além de ter todos os poderes concentrados em um mesmo centro, ela está próxima de São Paulo, que é o maior centro comercial do país, e também está próxima do Porto de Paranaguá, facilitando as transações comerciais como um todo, e para todo o mundo. De maneira que esta região se tornou atrativa para investimentos externos. Com isso se formou nesta região o maior centro industrial do Estado do Paraná que aumentou e se espalhou para parte da Região Metropolitana de Curitiba.

Com os incentivos governamentais, atraiu a instalação de indústrias metal mecânicas e metalúrgicas, dentre outras, e a vantagem logística, com transporte facilitado para estados como São Paulo e Santa Catarina, além de estar interligado com o interior do estado e estar localizado próximo do Porto de Paranaguá, esta região se tornou a maior exportadora do estado.

A exemplo do que ocorreu na capital paranaense, a região Norte Central também cresceu e se industrializou. A sua proximidade com o Estado de São Paulo, fez com que imigrantes paulistas iniciassem as suas atividades com café nesta região e com isso atraíram indústrias. O Norte Central paranaense, em especial os municípios de Maringá e Londrina passaram a se destacar no ramo industrial, metal mecânico, e têxtil. Sendo que esta região se tornou um polo em referência na indústria têxtil do país.

Com a construção do anel viário no Paraná, interligando o Porto de Paranaguá e a Capital do estado com o interior. Esta via de ligação entre as regiões facilitou o escoamento da produção e o deslocamento da capital para o interior. Com isso, as negociações com o mundo inteiro se intensificaram, pois, o custo da transação ficou menor, atraindo novos investidores e comerciantes.

Como se analisou anteriormente, a região Oeste paranaense se mantém em terceiro lugar em crescimento econômico. Esta região possui algumas peculiaridades que a diferenciam das demais regiões no estado. Ela faz fronteira com outros dois países, e por fazer fronteira com outros países, nesta região ocorre um grande fluxo de transações comerciais, além de ter uma terra fértil e produtiva e possui a maior hidroelétrica do país.

Esta região foi a última a ser colonizada e seu crescimento econômico se deu de forma mais intensa a partir da construção da hidroelétrica, pois neste período foi construída a Br 277 ligando o interior a capital. Que permitiu fácil acesso interior/capital para negociações e mesmo escoamento de produção para o Porto de Paranaguá. Como a região possui terras férteis, cooperativas se instalaram no oeste paranaense para dar suporte ao campo armazenando a produção até conseguir escoar a mesma para o porto.

Com a facilidade de acesso do interior para a capital, esta região se industrializou, tanto na área de bebidas, medicamentos, metal mecânica e principalmente na agroindústria que utiliza a abundância de recursos naturais disponíveis nesta região.

O Oeste passou a ser um dos maiores exportadores de *commodities* no estado, de forma que, apesar de o custo logístico para o transporte ser um pouco mais elevado de outras regiões, a abundância de matéria prima compensa. Desta forma a região se tornou atrativa e com isso, várias cooperativas e indústrias se instalaram ali gerando emprego e renda para as famílias da região. Com isso o que se percebeu foi que, quanto maior a facilidade de acesso de uma região mais atrativa esta tem de aumentar seu crescimento. O fato de o estado possuir um porto que é uma fronteira aberta para o mundo, trouxe muitos benefícios, como aumentou as relações de transação com o exterior. Assim, mais capital entra no país gerando a instalação de novas indústrias e geração de mais empregos.

A área de fronteira para o resto do mundo (Porto de Paranaguá) é representativa para o território paranaense em todas as suas atividades econômicas, no entanto, pela análise estudada, percebeu-se uma aglomeração de bens e serviços na mesorregião de Curitiba especificamente em Curitiba e em seu entorno. Para o restante do Paraná salvo a região Norte Central que tem forte ligação com o estado de São Paulo, não houve o mesmo dinamismo de espraiamento, sendo que estas continuam sendo mesorregiões especializadas em poucos produtos especificamente a agropecuária. Portanto, a mesorregião Metropolitana de Curitiba tem se beneficiado com a implantação em investimentos que favorecem a maior geração de emprego, renda e riqueza, por estar mais próximo da maior fronteira do estado com o resto do mundo, a qual é representada pelo Porto de Paranaguá.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN-MARQUILLAS, J. M. **Shift-share analysis revisited**. Regional and Urban Economics, v. 2. n° 3, p. 249-261, 1972.

GONÇALVES JUNIOR, C. A.; GALETE, R. A. O método estrutural-diferencial: aplicação da adaptação de Herzog e Olsen para a microrregião de Maringá frente à economia paranaense 1994/2008. **Informe Gepec**, Toledo: UNIOESTE, v.14, n.2, p.149-165, 2010.

GONÇALVES JUNIOR, C. A.; ALVES, L. R.; LIMA, J. F.; PARRE, J. L.. Análise diferencial-estrutural e fatorial do emprego nas microrregiões paranaenses entre 2005 e 2009. In: IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos (ENABER), 2011, Natal-RN. **Anais do IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos (ENABER)**, 2011.

- HADDAD, P. R. (Org.) **Economia regional: teorias e métodos de análise**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1989.
- HERZOG, H. W.; OSLEN, R. J. **Shift-share analysis revisited: the allocation effect and the stability of regional structure**. Journal of Regional Science, v. 17, nº3, p. 441-454, 1977.
- IPEADATA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 23 de fevereiro de 2013.
- PADIS, P. C. **Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná**. São Paulo: HUCITEC; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.
- PELINSKI, A.; LIMA, J. F.; STADUTO, J. A. R. As atividades produtivas nas microrregiões paranaenses. **Rev. Economia & Tecnologia**. Vol. 16, p.79-88, Janeiro/Março de 2009.
- PIFFER, M. A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do estado do Paraná no final do século XX. Tese **Doutorado em Desenvolvimento Regional** – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.
- PIFFER, Moacir. **A dinâmica do Oeste paranaense: sua inserção na economia nacional**. (Dissertação de mestrado) Curitiba, UFPR, 1997.
- RAIS – **Relação Anual de Informações Sociais**. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/geral/estatisticas.asp?viewarea=rais>>. Último acesso em: 30 novembro de 2013.
- RIPPEL, R. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Paraná: uma análise de 1950 a 2000**. Tese de Doutorado em Demografia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas - SP, 2005.
- RIPPEL, R.; LIMA, J. F. Fatores diferenciais e estruturais na localização e crescimento da população rural no Oeste Paranaense. In: **Encontro Nacional De Estudos Populacionais**, 16., 2008, Caxambu. Anais... Caxambu: ABEP, 2008.
- SIMÕES, R. F. **Métodos de análise regional e urbana: diagnóstico aplicado ao planejamento**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2005. (Texto para discussão, 259).
- SOUZA, N. R. Regiões-chave na integração econômica regional. **Análise Econômica**, Porto Alegre: UFRGS/Faculdade de Ciências, v.14, n.25/26, p.16-24, mar./set. 1996.
- SOUZA, N. J. **Desenvolvimento Regional**. São Paulo: Atlas, 2009.

STADUTO, J. R. A., TREVISOL, S. L., JONER, P. R. Sistema Público De Emprego Do Paraná: uma análise regionalizada da intermediação da mão-de-obra. **Revista Paranaense De Desenvolvimento**, Curitiba, n.106, p.49-70, jan./jun. 2004.

TRINTIN, J. G. **A economia paranaense: 1985-1998**. 200p. 2001. Tese (Doutorado) – Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.